

## MÍSTICA E RELIGIÃO

Com prazer apresentamos ao leitor o presente dossiê sobre “mística e religião” da revista INTERAÇÕES, uma bem-vinda contribuição à literatura sobre o tema que, felizmente, vem se ampliando no contexto brasileiro.

A expressão *mística*, não muito diferente do próprio termo religião, é uma dessas expressões que pode, para quem não tem com ela familiaridade, despertar equívocos, para não dizer suspeitas e mesmo resistências. Pode ainda ser reduzida a um desses termos imprecisos tais como misticismo, esoterismo e tantos ismos se queira mais. E também, embora possa ser uma pujante expressão da religião, com ela não se confunde, nem mesmo com as expressões mais genéricas como religiosidade ou espiritualidade. Pode ser uma das vias mais íntimas e expressivas do religioso, mas há outras igualmente ricas de vivência de uma fé: o culto, a leitura do texto sagrado, a própria condução da vida na retidão de um certo *ethos* e outros caminhos mais.

Convém também fazer a distinção entre o emprego do vocábulo *mística* enquanto adjetivo e a sua utilização como um substantivo. O que tem a ver com o desenvolvimento da própria percepção da experiência. Desde o cristianismo primitivo o vocábulo *mystikós*, de *myein*, silenciar, foi introduzido na tradição da mística cristã. E, desde então, nesta tradição cristã, guarda um vínculo estreito com a categoria bíblica do Mistério, que toca pois naquilo que é o mais próprio e visceral em sua teologia e vida sacramental. Coube ao historiador Michel de Certeau, em estudo clássico sobre o tema, demonstrar que o termo na forma substantivada veio a aparecer só nos séculos XVII e XVIII. E, quando assim se constitui, abre-se para todo um campo de estudos e compreensão da experiência religiosa situada neste *topos*, nesta posição.

Pode ser compreendida também, num enquadramento mais racional, com certeza não a melhor opção, mas compatível com o esforço de se compreendê-la, a partir do que se poderia classificar como “formas de experiência mística”, para empregar a expressão de Lima Vaz. O mesmo autor propõe que, ao menos na tradição ocidental, pode se falar em três grandes formas, a mística especulativa, a mística mistérica e a mística profética. Há, contudo, outros parâmetros de classificação, aquele, por exemplo, que reconhece uma mística sponsal, ancorada de forma acentuada na referência bíblica e na ideia da aliança, bem como numa simbologia nupcial. Ousaríamos

afirmar que, de certa forma, cada místico, em seu percurso único e singular, representa uma espécie de todo em si mesmo. Embora inseridos em uma tradição e na comunhão de um léxico teológico comum, de fato cada um traz algo de inaugural, não só na experiência em si como na linguagem inovadora que oferece com um inesperado frescor. Seus textos, e muitos os produziram, são a prova viva deste novo viço.

Também seria possível se pensar em períodos, escolas ou lugares. Por exemplo, quando se fala na mística dos padres do deserto, na mística do século XII, na mística renana, na mística espanhola do período do renascimento, na mística russa, cada uma com seu próprio esplendor. E comportaria, ainda, abordagens que a tomem como expressão das diferentes tradições religiosas, o sufismo no islã, a mística judaica, as tradições orientais e, naturalmente, a mística cristã, nas vertentes católica, ortodoxa e protestante.

Desafiador é, também, o esforço por se defini-la. A riqueza da própria experiência se traduz num mosaico igualmente rico de concepções. Pode-se pensá-la como vida plena, que expande a consciência e abre o viver para uma intensidade a mais. Também como experiência da unidade, no abraço do encontro, talvez no resgate ou redescoberta de um divino do qual, aquele que o busca, provém. Ou ainda experiência do absoluto, permeada aí pelo sentimento de “mistério tremendo” (*mysterium tremendum*), para empregar a clássica expressão de Rudolf Otto. Também a convidativa imagem da presença, de uma experiência de Presença. Essa é uma rica herança veterotestamentária, do contexto da aliança, e que não tem faltado na tradição cristã. Pode-se falar também na perspectiva integradora e englobante que a experiência mística oferece. Não faltaram ênfases, também, na perspectiva da fruição, de um gozo místico, de uma vivência da gratuidade. O mesmo Otto que falava do “mistério tremendo”, não deixou de destacar também, na sua definição do numinoso, a ideia do fascínio, o “*mysterium fascinans*”. Também a mística instaura um ambiente de simplicidade, nada de ostentação religiosa. Na literatura teológica sobre a mística surgiram termos “técnicos” nem sempre os mais felizes, fala-se em passividade, contemplação infusa, união mística, estado teopático, êxtase etc. A nosso ver, um léxico de menor importância porque, traduzem muito mais um anseio do estudioso da mística, do que propriamente uma necessidade dos místicos, mas que de qualquer forma evidencia a riqueza do campo. Os místicos sempre primaram por oferecer textos simples, diretos e concretos, carregados sim de uma obscuridade, de certa opacidade, mas não em razão de uma linguagem elaborada, e muito mais pela inefabilidade da própria experiência.

Em quaisquer das concepções, o que importa é que está sempre implicada uma busca pelo sentido tanto da experiência religiosa mística como até mesmo pelo sentido da própria vida, já que pressupõe, por sua vez, uma condição humana que se reconhece em desamparo e carente.

Descrever o que seria uma experiência mística é sempre arriscado, mas não faltam os estudos que se esforçam por apresentar ao menos algumas daquelas que seriam suas características. Antes de tudo, a mística aponta para um abarcamento do religioso e mesmo do teologal, no percurso do *experiential*. A categoria “experiência” tem suas vulnerabilidades, pois que pode ser confundida com um viés subjetivista e psicologista, mas o fato é que o termo se impõe na literatura na medida em que nomeia o cerne mesmo da forma de se relacionar com o sagrado, que, seja como for, não pode ser racionalizada e, portanto, reduzida à frieza de um conceito. Outro aspecto instigante, também, é o reconhecimento de que a experiência mística se projeta como uma busca, chegando mesmo a configurar-se como um *itinerarium*. Mas, paradoxalmente, está presente também a ideia, tão reconhecível em Agostinho, de que Deus não está num lá fora e sim no mais íntimo da própria pessoa, do próprio ser. Ninguém pode encontrá-lo se já não tivesse sido por Ele encontrado. Ou melhor, o próprio movimento da busca é impulsionado por Deus mesmo. Também é comum se destacar que essa experiência com o inefável, esse confronto com o numinoso, não cabe nas categorias linguísticas comuns, evidenciando-se logo, as insuficiências da linguagem para expressá-la, para traduzi-la. Daí se expressar numa linguagem elusiva, poética e metafórica. Experiência antropológica sim, mas que toca numa espécie de zona-limite da experiência humana. É importante ressaltar também, que o valor da experiência não depende de fenômenos extraordinários, embora em alguns relatos estejam presentes. Destaque-se, ainda, que, como evidenciam os trajetos místicos mais conhecidos, a experiência repercute na vontade humana, traduzindo-se em afetos: paz, gozo, alegria, fruição. E, por fim, o traço inconfundível do desaguamento dessa experiência no amor. Sendo assim, se é verdade que alguma manifestação física pode acompanhar a experiência, como mencionado, essa não é a mais representativa das suas características. A característica mais vigorosa, constante e comum da tradição mais autêntica da mística é a compaixão, é a vida no amor, como amor, expressão do amor. Dádiosa, generosa e virtuosa, na gratuidade. Do que decorre não uma fuga do mundo e sim um aprofundamento ainda maior na realidade humana e existencial,

concreta, no tempo e na história, na espessura da própria vida. O que se traduz num movimento de desapego, de um sair de si em direção ao outro.

Não obstante a plenitude de vida possibilitada pela mística, é preciso alertar que a experiência do Real, da Realidade Última, o encontro com o absoluto, com o Totalmente Outro, vem, muitas vezes, atravessada também por uma desorientação, no sentido da travessia da noite escura, na conhecida e bela imagem de São João da Cruz. Razão pela qual a via apofática de uma teologia negativa tem despontado, ao longo do que poderíamos chamar uma história da mística especificamente cristã, como a melhor expressão de um percurso que se movimenta sempre num inapreensível.

Uma pergunta inevitável é quanto ao por que do retorno desse vivo interesse pela mística, desse seu “renascimento”. Dentre outras razões, talvez imponderáveis, certamente uma tem a ver com o nosso contexto, com as incertezas de nossa época, com esses traços todos da sociedade contemporânea, já tão apontados: materialismo, competitividade, individualismo, enfraquecimento dos laços sociais, crises as mais variadas. A ambiguidade do projeto moderno: avanços, descobertas e conquistas, mas também frustração, ideais não atingidos, novas carências. Se é por um lado uma época que se pretendeu pós-religiosa, por outro lado se vê permeada por um sagrado que ainda seduz. Ressurge, então, uma sede de Deus, uma sede de sentido, uma sede por caminhos possíveis, um anseio pela sabedoria, um anelo esperançoso por um amanhã.

Gostaria de finalizar essas poucas considerações, sinalizando dois caminhos, duas direções que, a meu ver, a mística toma hoje.

Em primeiro lugar acentuar a realidade de que cada grupo religioso encontra sentido, um melhor sentido, na mística de sua própria tradição. É razoável, compreensível e bom que seja assim. No entanto, não se pode mais pensá-la no solipsismo e exclusivismo dessa própria tradição. Se Thomas Merton nos lembrou um dia que “nenhum homem é uma ilha”, Heschel acrescentou que, no mesmo sentido, “nenhuma religião é uma ilha”. O caminho da mística passa por vários itinerários, como vem demonstrando e abrindo fronteiras, há anos já, no contexto brasileiro, os trabalhos de Faustino Teixeira. Por isso é preciso pensá-la e vivenciá-la na perspectiva inter-religiosa. Partindo sim, da própria tradição, mas com abertura dialogal e disposição amorosa, no abraço ao outro. Como sugere a imagem sempre lembrada no seio dos estudos

de mística, são como os braços de muitos rios que, enfim, e é isto que mais importa, deságuam no oceano.

E a outra direção, em conexão com a anterior, tem a ver com o tipo de ênfase que se coloca no momento atual. Parece-me que se amplia a perspectiva que a põe na linha e na busca da serenidade. Uma mística que resgata o sentido e o valor da contemplação. Talvez como um contraponto ao excesso de ruído do mundo contemporâneo que tem levado as pessoas a uma espécie de esgotamento, face a uma correria que parece chegar a lugar nenhum. Talvez seja então o índice de uma carência, uma reação necessária a esses traços desumanos e materialistas do modo contemporâneo de se viver, opulento e rico por um lado, mas marcado sobretudo, tantos já o indicaram – de Freud a Bauman, por um certo “mal-estar”.

É neste sentido, inclusive, que, pessoalmente, vimos trabalhando nos últimos anos, revisitando referências da mística que nos ajudem a encontrar o tom de uma mística para hoje. Alguns nomes vamos encontrando à nossa frente e que nos ajudam neste traçado: o do monge trapista Thomas Merton, de quem aprendemos que o movimento da busca e do encontro simbolizado no traço vertical se constitui, simultaneamente, na distensão horizontal, pois que o encontro com Deus é o encontro com o humano; Merton atualizou para nós, contemporâneos, o sentido da atitude contemplativa; também a figura ímpar de Simone Weil que nos convida para a perseverança da atenção à espera de Deus; ou ainda a riqueza do percurso de Panikkar que nos aponta um vigoroso caminho inter-religioso para mística, essa experiência humana integral, e tantos mais.

Sendo assim, só nos resta saudar, mais uma vez, a feliz iniciativa de INTERAÇÕES, que oportuniza esta reflexão e possibilita uma meditação a mais sobre o sentido da mística num quadro maior quanto ao sentido da vivência religiosa.

***Sibélius Cefas Pereira***

*Professor da PUC Minas no campus de Poços de Caldas.*

*Doutor em Ciência da Religião (UFJF). Publicou*

*Thomas Merton: contemplação no tempo e na história pela Editora Paulus.*

***Email: sibelius@puccaldas.br***